

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES A UM ESTUDO DA MOTIVAÇÃO POÉTICA

Denise A. D. Guimarães
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O trabalho propõe subsídios a um estudo da linguagem poética, discutindo como se realizam as estruturas paralelas comparáveis que estabelecem correlações significativas entre os dois planos da linguagem; e, ainda como se verifica a co-presença de dois sistemas significantes no discurso poético.

A existência de configurações textuais que definem um funcionamento específico do signo verbal evidenciam os mecanismos de **motivação poética**, opondo-se ao caráter imotivado ou arbitrário do código lingüístico logicamente formalizado. Neste sentido, discute-se o **conceito de motivação** sob a perspectiva lingüística e a partir de Semiótica de Peirce.

A confluência do código lingüístico e de códigos técnico-expressivos no discurso literário implica a presença de dois sistemas significantes. O primeiro, a linguagem formalizada, apta a criar expectativas de leitura ou probabilidades; e o segundo, a(s) linguagem(s) inventada(s), de caráter frustrante ou transgressor em relação ao primeiro.

A especificidade do texto poético, espaço privilegiado de tensão entre os dois sistemas significantes acima referidos, tem sido vista como desvio estilístico, como procedimento, como produtividade. . . As mais variadas abordagens teóricas procuram apreender o modo de existência das configurações textuais que definem um funcionamento específico da linguagem no poema. Acreditamos que os processos de homologação entre os diferentes níveis do texto poético, os pontos de equivalência entre os elementos pertinentes às diferentes camadas do texto, os procedimentos técnico-

expressivos de invenção de linguagens, evidenciam os **mecanismos de motivação da linguagem poética**, em oposição ao caráter imotivado ou arbitrário do código lingüístico.

Versos não são linhas, são complexos sígnicos que se interrelacionam dinamicamente, que se expandem e se desdobram, que se opõem e se completam, num processo poético-metalingüístico de aferição do código, motivando a invenção.

Partindo do pressuposto greimasiano de que o mais poético dos discursos teria "todos os níveis correlacionados e todas as unidades estruturais homologadas",¹ e, vendo nestas palavras, a noção de **signo motivado**, interessa-nos, agora, discutir o **conceito de motivação**.

Para Saussure, o signo verbal não é motivado, existindo um relacionamento arbitrário entre significante e significado. Entretanto a arbitrariedade do signo, em seu caráter lógico e socializado, é contradita pela existência de relações sistêmicas entre signos. Saussure fala, então, da "limitação do arbitrário" ou de "motivação relativa", a cada momento que observa tais relações.

Jakobson entende motivação como relacionamento direto entre signos. Colocando no mesmo plano as relações intra-signos e as relações inter-signos, associa a motivação ao conceito de função poética. Pondo em relevo os elementos construtivos de todos os níveis lingüísticos, a poesia motiva o signo pela projeção do princípio de equivalência na seqüência. Sua pertinente "fórmula" da projeção do eixo paradigmático sobre o sintagmático, na caracterização da função poética da linguagem, lida em um registro dinâmico, acentua o caráter motivado da palavra poética.

Ivan Fonagy relaciona significante e referente, ao dizer que o signo motivado traz em si parte da realidade, ("é aquele que incorpora parcela da realidade a seu significante, em vez de se contentar com sua denotação pura e simples".² Para ele o verbo "resvalar" designa e é o movimento, assim como o superlativo mais extenso que o termo no grau positivo designa e **reproduz** relações. Estes seriam casos de motivação, uma vez que os códigos lingüísticos renunciam à motivação para garantir a intelegibilidade do signo e a lógica do pensamento conceitual. A desmotivação procura assegurar enunciados exatos e não-ambíguos.

1 GREIMAS, A.J. et alii. *Ensaio de semiótica poética*, São Paulo, Cultrix, 1975. p. 123.

2 FONAGY, Ivan. *Motivação e remotivação*. In: TODOROV, T. et. alii. *Linguagem e motivação*. Porto Alegre, Globo, 1977. p. 73.

Segundo o autor, a linguagem infantil, a etimologia popular e a linguagem poética recusam o princípio da arbitrariedade do signo. O poeta **remotiva** o signo, procura restaurar o sentido original de uma locução, recusa os sintagmas desmotivados. O signo poético começa a ser remotivado no momento em que deixa de ter o sentido que pertence à comunidade lingüística, para começar a representar um laço necessário entre ele e o que ele designa. Particulariza-se o código do poema, porque afasta-se da abstração individualizando a própria linguagem.

Neste sentido, podemos lembrar o conceito de **motivação poética** para Greimas: “a realização de estruturas paralelas comparáveis que estabelecem correlações significativas entre os dois planos da linguagem, fornecendo, com isto, um estatuto específico aos signos”.³

Cumprir lembrar que Greimas, entretanto, acentua que só existe **motivação relativa** nos objetos poéticos, porque esta só pode efetuar-se neste ou naquele nível de articulação, nesta ou naquela classe de unidades poéticas.

Acreditamos que, ressaltado este **caráter parcial da motivação poética** — afinal o poeta opera com o signo verbal em função estética — o signo poético pode ser considerado motivado. Segundo Fonagy, remotivado, uma vez que o código lingüístico desmotiva o signo e o código poético busca suas motivações.

Sob a perspectiva da Semiótica de Peirce, o signo é motivado porque nasce de uma relação triádica capaz de fazer com que ele próprio seja signo de outros signos, através do processo interpretante.

O signo verbal, por seu caráter convencional, como **símbolo** ou um signo em terceiridade, está a uma máxima distância do objeto; tende à abstração e a dissociar o objetivo do subjetivo.

Já o signo da arte, o ícone, percorrendo o caminho inverso, busca a identificação com o objeto. O signo poético é o signo em terceiridade buscando a primeiridade, é o símbolo querendo ser ícone. Ele não quer apenas dizer o objeto, mas quer sê-lo, presentificá-lo no texto. Neste caso, as montagens sonoras e visuais, a sintaxe e a semântica do poema implicam um diagrama de iconicidade dinâmica. Diagrama este não reprodutivo, mas equivalente ao seu objeto.

3 GREIMAS, p. 126.

Como signo motivado, a palavra no poema recebe a carga de uma metalinguagem remática (Peirce), ou seja, de uma força argumentativa que diz respeito ao código. Este "argumento" implica uma relação equacional e trata das relações formais, no vértice do interpretante. A nosso ver, esta preocupação de ordem metalingüística, na gênese do poema, é responsável pela motivação poética. Neste caso, metalingüísticamente motivado, o poeta busca efeitos expressivos ao explorar os constituintes icônicos presentes no código verbal. Pode ainda, buscar elementos alheios ao seu código, desencadeando um processo intersemiótico de saturação do verbal. Toda operação inter-códigos é essencialmente metalingüística. Nos casos de intersemiose, a seleção — operação fundamental em poesia — passa a ser efetuada na substância de base de outro(s) código(s). A palavra poética, indo além das áreas lexicais esgotadas, busca novos significados no confronto dos sistemas sígnicos. Vale dizer, os elementos significantes semantizam-se no que diz respeito à própria seleção e ordenação estrutural.

* * *

A linguagem do poema moderno, na busca de novas perspectivas formais e semânticas, surge como manifestação de uma incontestável postura metalingüística. Quando é o código que está em questão, sua motivação é de ordem metalingüística porque, agindo "por dentro" da função poética da linguagem, a função metalingüística vai comandar a construção do poema. Esta aferição do código faz com que a palavra seja tratada pelo seu lado material e investigada criticamente. A consciência crítica procura desautomatizar procedimentos lingüísticos e poéticos altamente previsíveis. O signo poético é previsto em sua extensão, numa atitude crítico-inventiva anterior ao texto e que o motiva.

Como mola propulsora da criação poética, a **motivação metalingüística** manifesta-se nos níveis semântico, fônico ou visual, sendo responsável pelos recursos técnico-expressivos caracterizadores do poema moderno. O signo poético passa a ser entendido como uma relação de materiais que altera propositalmente a referencialidade e a arbitrariedade da relação significante/significado. Seu código e sua mensagem apoiam-se na experiência interna da criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 GREIMAS, A. J. et alii. **Ensaços de semiótica poética**. São Paulo, Cultrix, 1975.
- 2 GUIMARÃES, Denise A. D. **A poesia crítico-inventiva**. Curitiba, SECE/BPP, 1985.
- 3 JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1975.
- 4 ————. **Questions de poétique**. Paris, Seuil, 1973.
- 5 PEIRCE, C.S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 6 PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- 7 SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- 8 TODOROV, T. et alii. **Linguagem e motivação**. Porto Alegre, Globo, 1977.